

**Pegue o que você precisa e faça
compostagem do resto: uma introdução à
teoria pós-civilizada**

Margaret Killjoy

2011

Conteúdo

Premissa Um: Nós Odiamos a Civilização 3
Premissa dois: não somos primitivistas 3
Premissa três: somos pós-civilizados 4
Se tivéssemos o nosso jeito 5
O colapso 6
Enquanto isso 6

Bem, essa coisa da civilização foi interessante, não foi? Quero dizer, certamente parecia valer a pena tentar. Nós tiramos muito proveito disso: telescópios, cadeiras de rodas, wikipedia. Mas também quase acabamos com o mundo natural. Ciência, agricultura e especialização fizeram muito para expandir ideias culturais e comunicação, mas fizeram ainda mais pelo genocídio e ecocídio.

Então é hora de desistirmos completamente desse experimento nobre e fracassado e partirmos para algo novo.

Premissa Um: Nós Odiamos a Civilização

Esta civilização é, desde sua fundação, insustentável. Provavelmente não pode ser salva, e mais, seria indesejável fazê-lo. Quando estamos discutindo civilização, estamos discutindo a totalidade das estruturas organizacionais e abordagens culturais do mundo moderno. Estamos falando sobre os códigos legais e sociais que ditam o comportamento "adequado". Estamos falando sobre os impulsos centralizadores e expansivos do império político e econômico.

A civilização está destruindo toda a vida na Terra. É insustentável: economias e sociedades baseadas no crescimento sempre são. A civilização é quase irredimível: parece haver uma chance infinitesimalmente pequena de que a civilização abandone seu consumo excessivo de recursos e se mova rapidamente em direção a uma forma sustentável de existir. E mesmo que isso acontecesse, não queremos isso. Ainda seria uma imposição à nossa liberdade.

Civilização foi definida de várias maneiras, mas nenhuma delas realmente faz com que pareça muito boa quando você pensa muito sobre isso. Meu dicionário define civilização como "o estágio do desenvolvimento e organização social humana que é considerado mais avançado". Além de ser uma espécie de definição inútil, isso aponta o preconceito inerente à civilização. Ele diz: "Nós somos avançados. Vocês são primitivos. Além do mais, a história e o desenvolvimento são puramente lineares por natureza, o progresso só avança, e qualquer desvio do curso em que estamos é regressivo".

Outra definição funcional de civilização pode ser derivada da Wikipédia, que frequentemente fornece o tipo de consenso cultural sobre um termo dado. A Wikipédia descreve civilização como "uma sociedade definida como uma sociedade complexa caracterizada pela prática da agricultura e assentamento em cidades... Comparado com estruturas menos complexas, os membros de uma civilização são organizados em uma divisão diversa de trabalho e uma hierarquia social intrincada." Esta definição também aponta as falhas na civilização. Uma hierarquia social intrincada? Por que todos nós escolhemos um mundo que tolera esse tipo de porcaria?

Derrick Jensen, um teórico anticivilização (mas não pós-civilizado), propôs outra definição útil de civilização: "uma cultura — isto é, um complexo de histórias, instituições e artefatos — que tanto leva quanto emerge do crescimento das cidades (civilização, veja civil: de *civis*, que significa cidadão, do latim *civitatis*, que significa cidade-estado)." O que, é claro, nos leva a perguntar o que, exatamente, é uma cidade. Derrick define uma cidade, para o propósito de sua definição de civilização, como: "pessoas vivendo mais ou menos permanentemente em um lugar em densidades altas o suficiente para exigir a importação rotineira de alimentos e outras necessidades da vida."

E esse, talvez, seja o ponto de tudo isso. Se um lugar requer recursos de outro lugar, tudo fica bem quando eles podem negociar por eles. Mas quando seus vizinhos agricultores passam por uma seca e não conseguem fornecer um excedente para o comércio? Então você tem guerra. Ótimo.

Nós odiamos a civilização.

Premissa dois: não somos primitivistas

Não é possível, nem desejável, retornar a um estado de ser pré-civilizado. A maior parte do trabalho de base do pensamento anticivilização — trabalho importante, veja bem — foi estabelecido por primitivistas. Os primitivistas acreditam, em geral, que a humanidade seria melhor servida retornando a um modo de vida pré-civilizado. Esta não é uma visão que compartilhamos.

Os primitivistas rejeitam a tecnologia. Nós apenas rejeitamos o uso inapropriado da tecnologia. Agora, para ser justo, esse é quase todos os usos da tecnologia que vemos no mundo civilizado. Mas nosso problema com a maioria das teorias primitivistas é sobre bebês e água do banho. Claro, a maioria das tecnologias está sendo colocada em usos bastante malignos — seja guerra ou simples ecocídio — mas isso não torna a tecnologia (“A aplicação do conhecimento científico para fins práticos”) inerentemente má. Significa apenas que precisamos reimaginar completamente como interagimos com máquinas, com ferramentas, até mesmo com a ciência. Precisamos determinar se algo é útil e sustentável, em vez de julgar as coisas puramente por seu valor econômico ou militar.

Os primitivistas rejeitam a agricultura. Nós simplesmente rejeitamos a monocultura, que é abominável e centralizadora, destrói a autonomia regional, força a globalização no mundo e leva a práticas horríveis como a agricultura de corte e queima. Também rejeitamos outras ideias estúpidas de como alimentar a humanidade, como soltar 6 bilhões de pessoas na floresta para caçar e coletar. Em geral, as pessoas pós-civilização abraçam a permacultura: sistemas agrícolas projetados desde o início para serem sustentáveis em qualquer área em que sejam desenvolvidos.

Os primitivistas fizeram um bom trabalho explorando os problemas da civilização, e por isso os elogiamos. Mas, no geral, sua crítica é sem nuances.

Além disso, a estrutura social que eles imaginam, o tribalismo (observe que a visão da nossa sociedade sobre o que é tribalismo é baseada principalmente em uma antropologia falha e eurocêntrica), pode ser socialmente conservadora: o que muitas tribos não tinham em leis codificadas, elas compensavam com “costumes” rígidos, e uma geração nasce com um modo de vida quase exato como o de seus predecessores.

Não podemos, *em massa*, retornar a um modo de vida pré-civilizado. E, honestamente, a maioria de nós não quer. Recusamos uma rejeição geral de tudo o que a civilização nos trouxe. Precisamos olhar para frente, não para trás.

Não somos primitivistas.

Premissa três: somos pós-civilizados

É, portanto, desejável imaginar e promulgar uma cultura pós-civilizada. Isso é algo que podemos fazer aqui e agora no final de jogo da civilização.

Existem tantas falsas dicotomias no mundo. O músico amador e o profissional têm muito a oferecer, e nós, pessoas pós-civilizadas, geralmente cultivamos habilidades especializadas e generalizadas. Alguém tem que ficar bom em polir lentes — e optometria —, mas isso não significa que você não deva ser capaz de cozinhar uma refeição decente ou ajudar a capinar o jardim do seu vizinho.

Uma das maiores falhas da civilização é sua tentativa de homogeneizar uma cultura global, de espalhar um conjunto de ideias de como tudo — da governança à arquitetura, da agricultura à música — deve ser feito “corretamente”. Mas se você construir casas de telhado plano em climas frios, a neve vai se acumular e seu telhado vai desabar. Se você derrubar árvores de uma encosta da mesma forma que faz nos vales, seu solo vai sofrer erosão.

Então, avançar em direção à pós-civilização — com ou sem colapso industrial — é uma questão de olhar ao redor de si mesmo, da sua comunidade e da sua base territorial, e determinar o que é apropriado. O que isso significa é que, aqui e agora, há partes da cultura civilizada que podemos utilizar em nosso benefício que talvez não consigamos duas gerações após um colapso. Para aqueles no primeiro mundo, nosso recurso mais abundante é o lixo.

Boa comida pode ser resgatada e comida. Comida podre pode ser compostada e usada para construir jardins de canteiros elevados sobre solo urbano venenoso. Papel em branco de um ou ambos os lados pode ser encadernado em cadernos. Outro papel pode ser triturado em um liquidificador, espalhado em telas e prensado com um macaco hidráulico de carro reaproveitado. Animais atropelados podem ser esfolados e massacrados. Brinquedos elétricos podem ser recuperados, suas placas de circuito e motores reaproveitados. Óleo vegetal usado pode ser resgatado de caixas de gordura e usado para abastecer nossos carros ou até mesmo nossos geradores.

E os críticos dirão que isso não pode funcionar para sempre, e eles ficarão confusos quando concordarmos com a cabeça. Porque nos adaptaremos à paisagem em mudança, porque o que funciona em um tempo ou lugar pode não funcionar em outro lugar ou em outro momento.

A civilização pensa que a cultura naturalmente escorre do civil para o selvagem, do urbano para o rural. Nós não.

Somos pós-civilizados.

Se tivéssemos o nosso jeito

Como é uma cidade se ela não for mais uma cidade? O conceito de cidade, como uma entidade própria com limites específicos, governo centralizado e a importação rotineira de necessidades, deve ser eliminado. Mas não vamos todos nos espalhar pelos campos ao redor, oh não.

A cidade pós-civilizada (Não cidade? Área urbana? Terminologia um pouco difícil.) pode parecer uma cidade se você ignorasse seu governo. A sociedade consistiria em grupos menores que retêm suas identidades individuais, mas são capazes de trabalhar juntos para o bem comum.

Nós pós-civilizados pretendemos provar que a descentralização de nossa cultura, economias e política é possível e desejável. Cada grupo menor (alguns podem usar a palavra tribo, mas eu pessoalmente evito isso) tomaria suas próprias decisões, manteria sua autonomia e resolveria problemas da maneira que convém a seu eleitorado. Alguns podem recorrer à alta tecnologia para atender às suas necessidades e desejos. Outros podem viver de forma mais simples. Mas as fronteiras entre os grupos provavelmente serão borradas, com indivíduos, grupos e famílias se movendo entre as esferas sociais. Honestamente, seria socialmente muito parecido com hoje, se você removesse a hierarquia entre os grupos e evitasse ativamente a influência centralizadora da cultura civilizada.

Esses grupos lutarão um dia? Provavelmente. Nenhum sistema é perfeito, e é melhor admitir isso abertamente do que fingir que é o contrário. Não pintamos nenhuma utopia aqui. Mas houve movimentos no passado que desenvolveram estruturas políticas para permitir que grupos com interesses diversos interagissem pacificamente. Um desses movimentos pelos quais somos influenciados é o sindicalismo.

O sindicalismo é um sistema econômico totalmente fora da dicotomia capitalista/estado-socialista. Ele sugere que uma federação de sindicatos coletivizados pode promover ajuda mútua entre os membros. Para um pouco de história de quando o sindicalismo funcionou com sucesso em uma nação desenvolvida, dê uma olhada na Guerra Civil Espanhola.

Ajuda mútua, então, é o oposto de competição. A Wikipédia a descreve como “o conceito econômico de troca recíproca voluntária de recursos e serviços para benefício mútuo”. Um dos primeiros anarquistas — e biólogos evolucionistas — foi Peter Kropotkin, que advogou contra a sugestão de Darwin de que a natureza era simplesmente a guerra de um contra todos. Em vez disso, ele argumentou, a cooperação intraespécies é pelo menos uma força evolucionária tanto quanto a competição. Além do mais, a ciência moderna finalmente mudou de ideia e começou a acreditar nele.

Agora, nós também não somos exatamente sindicalistas. Sindicalismo é uma ideia adorável, mas não estamos falando de sindicatos, e não estamos falando de industrialização. Não deveríamos nos apegar aos princípios do anarquismo histórico mais do que deveríamos nos apegar ao feminismo de segunda onda, ou, nesse caso, à civilização. Não, estamos falando de grupos dinâmicos de pessoas se unindo organicamente para tomar as poucas decisões que impactariam a não-cidade em geral.

Estamos falando sobre os steampunks daqui aperfeiçoando destilarias solares pelo uso de lentes de Fresnel enquanto outro grupo de entusiastas de bicicletas ali passa seu tempo correndo, fazendo trabalho de entrega para outros grupos e forjando bicicletas com canos encontrados. Um grupo seminômade de adolescentes se mudará para as regiões selvagens dos subúrbios abandonados e pastoreará cabras, enquanto um eremita passa seu tempo cultivando batatas em pneus empilhados e gravando piano clássico em cilindros de cera.

Alguém vai conectar seu Super Nintendo a um painel solar, e pessoas de todas as classes sociais vão vir para jogar Street Fighter, ou só para assistir. Todos nós vamos cultivar a maior parte da nossa comida, e todos nós vamos lidar com o nosso próprio lixo, lavar a nossa própria louça.

O colapso

E, claro, se pudéssemos fazer do nosso jeito, passaríamos pela civilização da forma mais pacífica possível, da forma mais não destrutiva possível. Nós nos organizaríamos de baixo para cima. Apresentaríamos soluções que são tão razoáveis que aqueles no poder com ética se juntarão a nós e aqueles sem ética verão seu poder econômico diminuir à medida que mais pessoas se recusarem a participar de trocas civilizadas.

Mas isso não é provável, para ser honesto. Nossa sociedade está em rota de colisão com a história. É possível que a única questão seja qual entrará em colapso primeiro: a civilização industrial ou a capacidade da Terra de sustentar a vida humana. Se for esse o caso, então é melhor esperarmos (ou agirmos) pela primeira.

O colapso da civilização industrial, se vier, será horrível. Nenhum de nós, nem mesmo aqueles que secreta ou abertamente anseiam pelo apocalipse, gostará disso. Mas, ao contrário das mentiras de Hollywood, o melhor das pessoas geralmente aparece na crise. Nada une uma vizinhança como um apagão; nada faz as pessoas compartilharem como a escassez de alimentos. (O quê, você pensou que todos nós acumularíamos nossa comida e então brigaríamos com espingardas, mataríamos ou seríamos mortos, vizinhos ateando fogo nas casas uns dos outros? Os humanos nem sempre fazem isso. O que você acha que somos, civilizados?)

Mas se nossa economia não ceder, e não descobirmos a fusão a frio (assim como um repovoamento massivo dos oceanos do mundo), enfrentaremos algo muito, muito pior. O colapso ecológico destruirá o mundo como o conhecemos. Se algum de nós estiver vivo quando a poeira baixar, nada será o mesmo.

Precisamos acabar com a civilização o mais rápido possível, ou ela nos destruirá a todos.

Enquanto isso

Não queremos mais ser civilizados. É hora de seguir em frente. Queremos rejeitar hierarquias loucas e economias delirantes, colonialismo e estados-nação. Mas acontece que não nos é dada muita chance de optar por sair. A civilização nunca, nem uma vez em sua história, permitiu espaço para aqueles que não são civilizados florescerem. É ao ponto que você pode pensar que esta é uma característica definidora da civilização: a civilização tem tanto medo de estar errada que simplesmente não consegue tolerar outros que vivem em outras modas.

E mesmo que optássemos por sair, isso não impediria a civilização de destruir a Terra.

Mas sejamos otimistas novamente por um segundo. A Terra vai morrer ou não vai morrer. A civilização vai cair, ou não vai cair. O que vamos fazer, aqui e agora, em nossas vidas?

Não quero entrar em como alguém pode se envolver na batalha épica para salvar a Terra, destruir a civilização, prevenir ou promover o colapso disto ou daquilo. Esses são os tipos de escolhas éticas que alguém deve fazer por si mesmo.

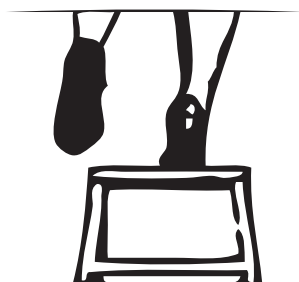
Mas eu vou encorajar que você encontre ou desenvolva um estilo de vida pós-civilizado. De certa forma, é fácil. Feche os olhos e imagine quem você seria sem restrições sociais. O que você faria se dependesse apenas de si mesmo, de seus amigos e dos recursos que você pode encontrar ao seu redor. O que você vestiria? O que você comeria? Talvez as perguntas mais importantes sejam mais sutis: como você trataria seus amigos? Como você gostaria de ser tratado?

No aqui e agora, aprendemos habilidades de sobrevivência: esfolar, curtimento e decapagem de fios, arco e flecha e fabricação de pólvora. Herbalismo e acupuntura, sim, mas também estudamos a aplicação (e fabricação) de antibióticos, métodos de cirurgia e odontologia. Fazemos permacultura, renaturalizamos e vasculhamos as paisagens urbanas, suburbanas e rurais, aprendendo o que significa ser sustentável em um mundo moribundo. Rasgamos nossos gramados e deixamos apenas jardins. Claro, um dia, vamos rasgar o pavimento e deixar apenas ciclovias.

Praticamos respostas comunitárias a problemas dentro de nossa subcultura, como lidar com agressões físicas e sexuais sem envolver a polícia. Aprendemos sobre traumas (da maneira mais difícil, na maioria das vezes) e como lidar com eles. Criamos galinhas e patos, comemos dentes-de-leão e taboas.

Vivemos, tanto quanto podemos, como se a civilização fosse uma praga que já ficou para trás. E isso, mais do que qualquer escrita, será nossa propaganda. Porque sim, você pode viver assim. E sim, é melhor. Uma refeição significa muito mais quando você a cultiva ou coleta, e os amigos ficam muito mais próximos quando são tratados como iguais. Selvagens de fraque, somos nós. Quando olhamos para o mundo ao nosso redor, pegamos o que precisamos e compostamos o resto.

Biblioteca Anarquista



Margaret Killjoy

Pegue o que você precisa e faça compostagem do resto: uma introdução à teoria pós-civilizada
2011

<https://theanarchistlibrary.org/library/margaret-killjoy-take-what-you-need-and-compost-the-rest-an-introduction-to-post-civilized-theo#toc2>

Este artigo apareceu pela primeira vez em *Dodgem Logic* #2 em 2010 e é essencialmente uma reescrita um pouco mais longa de *post-civ!*, uma introdução escrita colaborativamente e publicada por Strangers In A Tangled Wilderness, em 2008

bibliotecaanarquista.org